

“QUEM PERGUNTA QUER RESPOSTA!” – PERGUNTAS COMO ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO NA ESCRITA*

“WHO ASK WANTS ANSWER!” – QUESTIONS AS INTERACTIONAL STRATEGIES IN WRITTEN

Andréia Silva Araujo** (UFS)
Raquel Meister Ko. Freitag*** (UFS)

RESUMO: Neste trabalho, analisamos a função das perguntas como estratégias de interação que são utilizadas na modalidade de língua escrita por estudantes da rede pública de ensino de Itabaiana/SE. A análise segue a orientação funcionalista, assumindo uma metodologia qualitativa, com vistas ao mapeamento das funções e subfunções das estratégias de interação encontradas evidenciando, também, as semelhanças com a sua funcionalidade na fala. Os resultados obtidos com essa pesquisa demonstram que os estudantes utilizam perguntas, principalmente do tipo semirretórica, em textos dissertativos como estratégias de interação. Após elencarmos os traços correspondentes aos contextos de uso e estrutura, identificamos duas categorias: *perguntas semirretóricas declarativas/objetivas* e *perguntas semirretóricas condicionais/subjetivas*.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias de interação. Língua escrita. Perguntas.

ABSTRACT: In this text, we analyze then function of questions as interactional strategies used in written texts produced by students from public schools of Itabaiana/SE. The analysis follows a functionalist approach and it employs a qualitative methodology to mapping the functions and sub-functions of interactional strategies found in corpus. The results show that students use the questions, especially semi-rhetorical questions, in argumentative texts as interaction strategies. After we definite contextual and use features from the questions, we identify two categories: *declarative/objective semi rhetorical questions* and *conditional/subjective semi rhetorical questions*.

KEYWORDS: Interactional strategies. Written language. Questions.

* O presente estudo é uma sumarização dos resultados do plano de trabalho “Procedimentos discursivos na escrita de Itabaiana/SE: estratégias de interação”, vinculado ao Programa Institucional de Iniciação Científica (COPES/UFS), desenvolvido durante o período de agosto de 2008 a julho de 2009, na área de Sociolinguística.

** Graduanda do curso de Letras, Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Prof. Alberto Carvalho. Bolsista PICVol (2008-2009) e PIBIC/CNPq (2010-2011). E-mail: andreialuzinete@hotmail.com.

*** Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Prof. Alberto Carvalho. Coordenadora do projeto “Procedimentos discursivos na fala e na escrita de Itabaiana/SE” (Edital Universal FAPITEC 03/2007). E-mail: rkofreitag@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

*Até hoje os cientistas discutem como a vida começou,
se a opção sexual é definida pela genética
e porque você boceja quando alguém boceja.
Os biólogos querem saber como os pássaros migram,
e os nutricionistas se o ovo faz mal a saúde.
Até hoje não se tem certeza de onde viemos,
os filósofos ainda querem entender quem somos
e existem umas duzentas teorias para onde vamos.
Os economistas querem explicar as crises
e os cientistas como o cérebro funciona.
Como você pode ver, não são as respostas que movem o mundo. São as perguntas!*

Fonte: Futura, o canal do conhecimento.

Procedimentos discursivos são estratégias convencionalizadas de verbalização da situação comunicativa, ou seja, são construções que fazem parte da gramática da língua. Existem diversos estudos acerca de procedimentos discursivos no português falado no Brasil (ver, por exemplo, CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; RISSO, 2006; URBANO, 2006; FURTADO DA CUNHA, 2000, entre outros). Como são processos suscetíveis ao contexto sociocultural, nem sempre os mesmos procedimentos são encontrados em todas as variedades e registros da língua. Neste texto, analisamos e discutimos um tipo de procedimento discursivo – as estratégias de interação, mais especificamente, as perguntas – no registro escrito da língua.

Quando falamos em estratégias de interação, estamos nos referindo aos caminhos de que se valeu o escritor/falante para melhor se aproximar de seus leitores/ouvintes e conseguir atingir os objetivos a que se propõe. Em outras palavras, trata-se dos meios pelos quais o escritor/falante se utiliza para fazer com que seu interlocutor possa compreender o sentido que este quis produzir em um determinado texto. Uma das estratégias que o escritor/falante dispõe para verificar se o leitor/ouvinte está em sintonia com o conteúdo são as perguntas.

Na fala, perguntas são construções linguísticas que se realizam por meio de uma sintaxe interrogativa, ou seja, possuem entonação ascendente que nos permite identificar que um determinado enunciado se trata de uma pergunta. O uso de perguntas está constantemente presente na língua falada com o intuito de causar uma maior proximidade entre os interlocutores, o que demonstra que o seu uso trata-se de uma estratégia de interação para o desenvolvimento da comunicação entre os indivíduos. Alguns autores têm tratado deste tema na modalidade de língua falada, como é o caso de Urbano, Fávero, Andrade e Aquino (2002), que o abordam em uma perspectiva dialógica – pergunta e

resposta (P-R) – evidenciando sua natureza, estrutura e função. Já na escrita, as perguntas são associadas a um sinal de pontuação específico – a interrogação (?).

As perguntas se gramaticalizam na fala como marcadores discursivos prototípicos de interação (FREITAG, 2009), que são originários de um contínuo de pergunta plena > pergunta semirretórica > pergunta retórica, traço que caracteriza seu uso interpessoal (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; MARTELOTTA, 1997; 1998). Neste contínuo, uma pergunta plena é uma pergunta do falante que requer, necessariamente, uma resposta do ouvinte. Para tanto, faz-se necessário que falante e ouvinte compartilhem do mesmo conhecimento semântico-discursivo no contexto da interação. A pergunta semirretórica é uma pergunta feita pelo falante, que é quem a responde. A pergunta retórica é feita pelo falante, mas não é respondida, nem pelo ouvinte, nem pelo falante; é uma pergunta que não requer resposta. Segundo Fávero (2000, p. 95), a “pergunta retórica ocorre quando o falante elabora a pergunta, mas já conhece a resposta”. Esta é usada como recurso para manter o turno ou para estabelecer contato (função fática). Em uma pergunta plena, o falante necessita de uma resposta. A sua formulação considera o conhecimento e o compartilhamento de informações, bem como a relevância no contexto comunicativo. Por exemplo, o ato de perguntar as horas para uma pessoa que não possui relógio é um ato que está fadado ao fracasso, uma vez que o propósito do escritor/falante “em saber a hora” não será alcançado. Assim, uma pergunta feita a um ouvinte que não compartilha das informações presumidas pelo falante está fadada a não ser respondida satisfatoriamente.

Na visão tradicional considera-se a pergunta um pedido de informação não conhecida, havendo, nesse par dialógico, uma dupla ligação: a uma pergunta segue-se uma resposta que, por sua vez, é decorrente de uma pergunta, o que acaba por levar a uma circularidade inevitável, geralmente aceita como necessária. (FÁVERO, 2000, p. 86)

Mas, por que o falante faz a pergunta e ele mesmo a responde? Mais especificamente em relação aos nossos objetivos neste texto, por que um escritor faz uma pergunta, se não há interlocutor síncrono para responder à pergunta? Qual a finalidade de se fazer uma pergunta em um texto escrito? Acreditamos que as perguntas na escrita estão relacionadas com as funções já evidenciadas na fala: as perguntas funcionam não só como estratégias de interação, mas também como mecanismo de focalização de informações. Para verificar essas hipóteses, analisamos as estratégias de interação, mais precisamente as perguntas, utilizadas na escrita, evidenciando, também, as semelhanças existentes com a sua funcionalidade na fala. Como estudos específicos sobre o uso das perguntas na escrita ainda são incipientes, nos valem de estudos na perspectiva da fala para respaldar a nossa pesquisa.

Os dados foram coletados da amostra *Fala & Escrita* do banco de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS), *corpus* “redações”, composto por 98 redações coletadas na 5ª e na 8ª séries de escolas da rede pública de ensino da cidade de Itabaiana/SE. Optamos por uma abordagem de ordem qualitativa, com vistas ao mapeamento das funções e subfunções das estratégias de interação encontradas na escrita de Itabaiana/SE. A seguir, demonstramos que o uso de perguntas na escrita trata-se de uma estratégia de interação, assim como ocorre na fala. Na segunda, terceira e quarta seções, explanamos sobre os tipos de perguntas: plenas, retóricas e semirretóricas, respectivamente. Na sequência, apresentamos a tipologia das perguntas como estratégias de interação na escrita. Por fim, apresentamos as considerações finais.

1 PERGUNTAS COMO ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO NA ESCRITA

Ao produzir um texto, seja ele escrito ou falado, os sujeitos – através do uso da linguagem – devem decidir quais estratégias são mais adequadas para atingirem os objetivos a que se propõem. O uso de estratégias interacionais, como convites, perguntas, repetições, solicitações, entre outras, propicia aproximação entre os interlocutores, mantendo-os envolvidos na situação comunicativa. Trata-se, assim, de estratégias que guiam ao envolvimento, ou melhor, o uso de tais estratégias é essencial para a construção de envolvimento na escrita, já que permitem a interação entre escritor e leitor.

Dentre as estratégias de interação presentes no *corpus* focamos nossa análise nas perguntas. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 135), “Para que um enunciado possa ser identificado como uma P[ergunta], o fator determinante é a sua atualização num contexto particular em que as marcas lexicais, a entonação, e a forma sintática, em geral, se apresentam como características funcionais”. Nesta análise, foram considerados no total 67 contextos de ocorrências de perguntas presentes na modalidade de língua escrita de Itabaiana/SE.

2 PERGUNTAS PLENAS

Como já adiantamos na introdução, as perguntas, dependendo da forma como são estruturadas, podem ser classificadas em: plenas; retóricas e semirretóricas. As perguntas plenas são aquelas que pedem do interlocutor uma resposta ou uma confirmação do que foi dito anteriormente. Por outras palavras, são perguntas em que um indivíduo pergunta e

outro responde. Foram encontrados 24 casos no *corpus* em redações narrativas de estudantes da 5ª série; vejamos (1).

(1) Mentindo Para a Minha Mãe

Todas vezes eu saía de casa para ir a escola me batia uma preguiça. Eu ia para a lanHouse saía de casa as seis e meia e chegava meia noite ele perguntava: **estudou meu filho** *Sim mãe estudei* quando ela perguntava se tinha deve eu dizia que não tinha eu fiquei gaseano durante um mês de aluno ela desconfiou e m e transferiu para tarde e ainda em vez em quando eu gaseio nossa quem mentira grande eu fiz para a minha mãe. (indivíduo 5) ¹

O indivíduo 5 utiliza uma pergunta – destacada em (1) – e, logo após, descreve uma resposta que não é dada pela mesma pessoa que efetuou a pergunta; a ocorrência de perguntas nesse tipo de contexto consideramo-la como plena. Esse caso é justificável na escrita pelo fato do indivíduo transcrever/simular um diálogo para desenvolver o tópico, tratando-se, portanto, de um discurso reportado, ou melhor, de um discurso reportado direto. Nas palavras de Cunha e Cintra (1985), trata-se de um discurso em que o narrador deixa o personagem expressar-se por si mesmo, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como as teria efetivamente selecionado, organizado e emitido. Geralmente, quando o indivíduo utiliza um discurso reportado, ele o marca através de um verbo dicendi; por isso, ainda que a pergunta não tenha o sinal ortográfico de interrogação, entendemo-la como pergunta. O caso aqui apresentado – o verbo “perguntar” – trata-se de verbos não modalizadores que, segundo Nascimento (2006, p. 79), “são aqueles que, por natureza, apresentam o discurso de um L2 [segundo locutor] sem deixar marcas da avaliação do locutor que o apresenta”. Por exemplo, são verbos como *dizer, falar, perguntar, responder, concluir*, etc. que têm a função de indicar a fala do outro dentro do texto.

3 PERGUNTAS RETÓRICAS

Em relação às perguntas retóricas², Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 161) afirmam que, na fala, estas “ocorrem quando o falante elabora uma P[ergunta] com o intuito de que o ouvinte não responda, porque aquele já conhece a R[esposta] e é só uma questão de procurá-la na memória. Verifica-se que esse tipo de P[ergunta] é usado como recurso, entre outros, para manter o turno ou para estabelecer contato”. Ou ainda, nas palavras de Martelotta e Alcântara (1996, p. 278), as perguntas retóricas caracterizam-se como aquelas

¹ Como norma do banco de dados *Fala & Escrita*, a ortografia e sintaxe do texto original do indivíduo foram preservadas no processo de digitalização do *corpus*.

² Convém destacar que Urbano (2006) e Risso (2006) não diferenciam perguntas retóricas de semirretóricas.

“que não pedem a resposta do ouvinte”. No *corpus* em análise, só encontramos 2 ocorrências desse tipo de pergunta, em uma redação dissertativa, como podemos observar em (2).

- (2) [...] As pessoas vão para hospitais chegam lar reclamam que está cheio não são bem atendidos ***mas será que em casa ela fez a sua parte para o mosquito não se proliferar e se fez a sua vizinha fez ou não***, é isso que eu tô querendo mostrar que as pessoas só pensam em reclamar e estão de lados seus cuidados para derrotar o mosquito [...]. (indivíduo 74)

No trecho da redação em (2), identificamos que o indivíduo 74 fez duas perguntas (apesar de não terem o sinal ortográfico de interrogação) às quais não deu nenhuma resposta de fato. Diferentemente da pergunta plena (que “exige” respostas), estas perguntas foram formuladas para não serem respondidas, já que o locutor formula a si mesmo; sua função é a de conduzir apropriadamente o ouvinte/leitor em direção à argumentação do falante/escritor, caracterizando-se, assim, como uma pergunta retórica. Em outras palavras, como já mencionamos, as perguntas retóricas correspondem àquelas perguntas que não aguardam do interlocutor uma resposta, como foi possível observar no exemplo dado em (2); as perguntas retóricas chegam até mesmo a “dispensar” linguisticamente a resposta. No entanto, “pode parecer que esse artifício de “dispensar” a resposta implica em uma ausência de interação, mas pelo contrário, a pergunta retórica afeta tanto quem formula quanto o seu interlocutor, ainda que em níveis diferenciados de envolvimento” (ARANHA, 2008, p. 7). Este tipo de pergunta é elaborado com fins essencialmente argumentativos, e consiste em interpelar o interlocutor a aderir ao que se anuncia.

Nesse sentido, o uso de perguntas retóricas pode ser considerado como uma estratégia do locutor para tentar interagir com o seu interlocutor visto que esse tipo de pergunta cria a ilusão da presença deste. Observe-se, ainda em (2), que o indivíduo 74 utiliza a conjunção adversativa “mas” no início da primeira pergunta, o que, segundo Rangel (2007, p. 108), “serve para tornar a pergunta mais incisiva”. Para Silva (2004, p.791), as perguntas retóricas “são muito comuns no discurso de sala de aula, utilizadas, normalmente, para manter o turno do professor ou para estabelecer contato ou para chamar atenção dos alunos”. Acreditamos que pode ocorrer também na escrita o mesmo que Silva (2004) constata na fala. No caso específico da amostra utilizada – constituída por redações escolares – podemos aventar a hipótese de que talvez esse tipo de ocorrência seja uma influência dos professores, já que estes utilizam frequentemente esse tipo de pergunta (e também os demais tipos) para promover a interação na sala de aula.

4 PERGUNTAS SEMIRRETÓRICAS

Na redação transcrita em (3), o indivíduo 36 faz uma pergunta à qual ele mesmo responde. A esse tipo de pergunta chamamos de semirretóricas. Dessa forma, podemos definir as perguntas semirretóricas como aquelas perguntas que não aguardam do interlocutor uma resposta, pois esta é respondida pelo próprio falante/escritor, sendo que sua função, assim como a das perguntas retóricas, é a de conduzir apropriadamente o ouvinte/leitor em direção à linha argumentativa. No *corpus* em análise, foram encontradas 13 ocorrências deste tipo de pergunta.

- (3) A dengue é um problema grave e que pode atingir a qualquer um de nós. O mosquito transmissor não escolhe a quem vai picar, não seleciona por classe social, cor ou qualquer outro critério.
A situação é emergencial, e de quem é a culpa dessa gravidade? Nossa, de todos sem excessões. Todos devemos nos preocupar e combater essa epidemia que cada vez mais vai se alastrando pelo nosso estado por vários lugares do Brasil [...]. (indivíduo 36)

Este tipo de construção em que se tem uma pergunta seguida de uma resposta é chamado de par adjacente, em que “a produção do primeiro acarreta a do segundo, ou seja, o primeiro condiciona a realização do segundo” (KOCH, 2007, p. 80). Dessa forma, torna-se relevante analisar a estrutura das perguntas semirretóricas para observarmos como se dá a relação entre P[ergunta]-R[esposta]. Em relação a este fato, os autores Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 157) descrevem dois grandes grupos de perguntas de acordo com a literatura linguística: **fechadas** e **abertas**. As perguntas fechadas são aquelas que restringem “sintática e semanticamente sua R[esposta] correspondente, que seria sim ou não, ou alguma formulação equivalente a sim ou não” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 136). Além disso, esse tipo de pergunta “é semanticamente cheia e a R[esposta] é apenas uma confirmação ou não do questionamento” (URBANO; FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2002, p. 79). Entretanto, há casos em que as respostas não se restringem a apenas um sim/não; como podemos observar em (4), retirada do *corpus* em análise, em que o indivíduo 35, além de dar a resposta, deixa claro que “a culpa não é só do governo”, ou seja, não dá apenas uma resposta de confirmação ou negação, ele demonstra o seu ponto de vista em relação ao tema tratado.

- (4) A verdade é que a situação em que o Brasil se encontra está cada vez pior, relacionando esta situação as epidemias, tendo em auge agora a dengue, dando alta para o estado de Sergipe onde esse índice tem aumentando.

Mas será que a culpa é do governo? não a culpa não é só do governo, a população também tem culpa, pelo fato de não se preocuparem em tomar as devidas providências para impedir a proliferação do mosquito. Há também um certo desacaso das autoridades, pois ao ver que a situação é drástica, não se preocupam em aumentar as áreas hospitalares, fazer campanhas das quais os agentes de saúde possam ir de casa em casa verificar se há indícios da larva do mosquito e prevenir colocando remédio nas caixas de água [...]. (indivíduo 35)

No caso das perguntas abertas, “o fator que permite esse tipo de ocorrência é de ordem pragmática, já que não é comum que se desenvolva uma conversação apenas com respostas afirmativas ou negativas simplesmente” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 136). Normalmente as perguntas abertas são iniciadas por um pronome interrogativo (*onde, como, quando, de quem, quem*), sendo que estas “costumam ser seguidas de R[esposta]s cujos elementos se correlacionam com a circunstância indicada pelo pronome eleito” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 160). Cabe mencionar que no *corpus* em análise tivemos 12 ocorrências deste tipo de pergunta. Em (5), temos uma redação que ilustra este caso.

- (5) Dengue uma epidemia silenciosa, que pode causa mortes, que tem o poder tirar a paz da vida rotineira de que ela atingiu. ***De que é a culpa?***
Para falar a verdade a culpa é extremamente nossa; ou seja, da sociedade. O conjunto formados por políticos e povo. Onde o povo e políticos se acomodam, um sem querer educar a população, se confiando no seu grandioso pratinômio economico para se caso vier vier acorre algum na sua família viriam para hospital particular, sem sequer se preocupando em investir no hospitais públicos [...]. (indivíduo 34)

Além disso, é relevante mencionar que “as R[esposta]s a P[ergunta]s abertas que se limitam a fornecer diretamente a informação solicitada, com elipse de elementos, são frequentes em nossa língua e seus elementos elididos podem ser facilmente recuperáveis a partir do contexto” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 161), como pode ser visto no trecho da redação transcrita em (6).

- (6) A dengue é um mosquito, aeds aegypti infectado com o virias.
Como nos deveremos acabar com essa epidemia, tampando as caixas de água, psina não tratada e outras mas vamos acabar com ela é só todos fazerem sua parte.
Não vamos deixar pra que o presidente e outro queiram fazer se for por ele todo nós podemos até morrer [...]. (indivíduo 70)

Constatamos, além das características presentes na estrutura das perguntas e respostas que já foram mencionadas, que os indivíduos buscam outras maneiras para

focalizar a atenção dos interlocutores/leitores, como o uso de modalizadores e de paralelismo nas respostas às perguntas elaboradas. Vejamos a atuação dos modalizadores em (7).

- (7) Estamos passando por algo que se não fas controlar logo, iremos sofrer as grandes mudanças e consequências. A dengue está cada vez mais se aglomerando e se não for tomada uma providencia vai piorrar e de quem será a culpa.
Na verdade a culpa é de todos pois o governo não tem muita coragem para reaver todos os lugares onde mais foi identificado o mosquito e as pessoas devem ter mais cuidado e tentar não deixar que leve o mosquito a ficar cada vez mais a gravante. (indivíduo 80)

Uma das possíveis explicações para o indivíduo ter usado este artifício seria para dar proeminência/chamar à atenção à resposta dada, ou, ainda, para marcar a importância do que será mencionado e, assim, poder desenvolver o tópico. Dito de outra forma, para enfatizar mais ainda a importância da sua resposta, ou melhor, para deixar claro de quem é “a culpa” tratando-se, portanto, de uma estratégia de interação constituída por pergunta na escrita. Nota-se que o tipo de pergunta utilizada pelo indivíduo é do tipo aberta; nesse sentido, podemos mencionar outra explicação para o uso de modalizador nas respostas, pois, nas palavras de Marcuschi (1989, p. 279), uma das características das respostas às perguntas abertas, também chamadas de perguntas sobre algo, “é a de serem marcadas por uma breve introdução”. Dessa forma, assumimos que o uso do modalizador **Na verdade** possui a mesma função que o marcador **bom**; para Marcuschi, “um marcador de adiamento da resposta: ele não introduz, mas ajuda a manter a atividade da fala” (1989, p. 79); no nosso caso, ajuda a manter a atividade da escrita. Nas palavras de Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 160) as respostas a perguntas abertas podem “ser prefaciadas por um marcador discursivo que funciona como adiamento da R[esposta], juntamente com a repetição da P[ergunta]”.

Observe-se o trecho a seguir, transcrito em (8), em que há o uso de paralelismo.

- (8) [...] Como devemos combater a dengue?
Devemos combater a dengue de modo não deixar água limpa parada, não deixar garrafas com água dentro temos que colocar elas de cabeça para baixo, devemos lavar a caixa do banheiro sempre e colocar aquele remédio que as agentes saúde leva para a nossas casas, entre outros [...]. (indivíduo 59)

Podemos dizer que o uso do paralelismo pelo indivíduo 59 na resposta se trata de uma estratégia de composição do texto e condução do tópico discursivo. Ou melhor, o indivíduo, ao repetir o trecho da pergunta “**Devemos combater a dengue**”, estabelece

continuidade tópica e também a transforma em uma marca introdutória. Assim, trata-se de uma estratégia que promove o encadeamento dos enunciados, servindo, portanto, como recurso de coesão, ou seja, constitui em uma estratégia para a conexão interfrástica. Exerce ainda a função de retomar o conteúdo anteriormente expresso no segmento tópico. Deste tipo de estrutura, só houve 2 ocorrências no *corpus* em análise.

6 TIPOLOGIA DAS PERGUNTAS COMO ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO NA ESCRITA

Ao observarmos os contextos em que ocorrem as perguntas na escrita, notamos que estas possuem algumas características específicas, que possibilitam a definição de duas categorias: **perguntas semirretóricas declarativas/objetivas** e **perguntas semirretóricas condicionais/subjetivas**. Vejamos um exemplo do *corpus* em análise de cada tipo, em (9) e (10).

- (9) Que a dengue se espalha cada vez mais, não é novidade. Uma epidemia que atinge grande parte do país e que veio estragar a vida de muita gente, muitas vezes para sempre. **Mas de quem será a culpa?**
Todos nós seres humanos temos o costume de sempre culpar os outros por tudo que acontece, muitas por não ter outra saída, ou mesmo para aliviar o peso da consciência. Mas a verdade é que dessa vez, a culpa por essa epidemia é de todos nós. Não nos prevenimos suficiente e nem nos preocupamos o necessário. Não damos a devida importância à essa doença, até acontecer uma tragédia na nossa família. Então despertamos para realidade, muitas vezes tarde de mais [...]. (indivíduo 35)
- (10) As autoridades do nosso País sabem que milhares de pessoas morem todos os dias. Por causa da dengue **mais o que eles fazem?**
Nada dizem que vão fazer campanhas contra a dengue mais isso só acontece no verão, por exemplo mais se acampa no verão e depois o que eles fazem, nem se preocupam o depois eles acham que prevenindo hoje amanhã não precisamos combater a dengue mais ela desaparece [...]. (indivíduo 40)

Nota-se que as duas perguntas destacadas em (9) e (10) não possuem a mesma estrutura. A principal diferença entre essas duas perguntas é o uso do verbo “ser” (no futuro do presente do indicativo), como pode ser visto em (9) ou em outros casos no *corpus*, e com a conjunção subordinativa condicional “se”, os quais manifestam dúvida ou incerteza, já que nos dá a impressão de que o indivíduo não está plenamente convicto dos seus argumentos ou, então, se utiliza desse tipo de pergunta para contra-argumentar. Este tipo de pergunta ocorre de forma indireta, o que evidencia um menor comprometimento do indivíduo

(locutor/escritor), já que o uso do verbo **será** não demonstra um posicionamento preciso deste. Em outras palavras, como já ressaltamos, manifesta dúvida, para depois dar uma resposta precisa, tendo, dessa forma, um caráter mais subjetivo. Contrariamente, no segundo caso (10), a pergunta – **mais** [sic] **o que eles fazem?** – manifesta mais certeza (portanto, mais objetiva) por parte do locutor/escritor demonstrando maior confiança deste em relação aos seus argumentos e também é uma pergunta mais direta e precisa, tendo, dessa forma, um maior comprometimento deste. Além do mais, ao analisar o *corpus*, notou-se que a ocorrência de perguntas semirretóricas, como a presente em (9), podia ser do tipo aberta ou fechada; já em (10) pode ser somente do tipo aberta. É importante mencionar que ambas as perguntas podem ser estruturadas com a presença ou não da preposição antes do pronome interrogativo.

Após analisarmos os contextos em que ocorre o uso de perguntas no *corpus* em análise, definimos os traços característicos destas. Apresentamos um quadro geral que sumariza a característica de cada um dos tipos de perguntas utilizadas na escrita como estratégia de interação.

Quadro 1: Traços característicos da ocorrência de perguntas na escrita

Tipos de perguntas	Características
Plenas	• diálogo reportado da fala;
Retóricas	• não aguardam do interlocutor uma resposta; • elaborada com fins essencialmente argumentativos;
Semirretóricas declarativas/objetivas	• presença de pronome interrogativo com/sem preposição; • pode haver a presença de modalizadores e paralelismo (na resposta); • objetiva; • direta; • aberta; • maior comprometimento do locutor;
Semirretóricas condicionais/subjetivas	• presença de pronome interrogativo com/sem preposição; • pode haver a presença de modalizadores e paralelismo (na resposta); • subjetiva; • indireta; • aberta/fechada; • menor comprometimento do locutor;

	• ideia de dúvida e incerteza do locutor; • presença do verbo “ser” no futuro do presente do indicativo ou da conjunção subordinativa condicional “se”;
--	--

O processo de produção de textos escritos, tal qual colocamos neste texto, demonstrou-nos que há de fato a ocorrência de estratégias de interação na escrita, mesmo que esta não ocorra de forma evidente. Assim, podemos dizer que a interação ocorre entre os sujeitos seja em contexto de fala ou de escrita, pois “imagens de sujeitos semióticos são sempre pressupostas no discurso” (RAMOS, 2007, p. 8), sendo que esta interação entre sujeitos no *corpus* em análise é enfatizada através das perguntas. Por meio das perguntas, cria-se “um simulacro de um diálogo” (RAMOS, 2007, p. 8) com um locutor/narrador/escritor que se deixa ver com mais propriedade no texto. Dessa forma, o locutor/escritor cria um efeito de maior proximidade com o seu interlocutor (neste caso o interlocutor/leitor). Em outras palavras, o locutor, ao se valer das perguntas, busca interagir com o leitor ocasionando um efeito de proximidade mais afetiva e de subjetividade ao texto escrito buscando envolvê-lo e criando maior cumplicidade na relação autor - leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao constatarmos que os estudantes utilizavam perguntas para desenvolver o texto, resolvemos analisar em quais situações aparecem as perguntas e quais funções estas desempenham, evidenciando, também, as semelhanças com a sua funcionalidade na fala. Os resultados obtidos com essa pesquisa demonstraram que os estudantes utilizavam perguntas, principalmente do tipo semirretórica, em textos dissertativos. Além disso, notou-se que as perguntas semirretóricas não eram estruturadas da mesma forma pelos estudantes. Ao analisá-las, após elencarmos os traços correspondentes a cada uma, chegamos à conclusão de que existiam duas categorias de perguntas semirretóricas: **perguntas semirretóricas declarativas/objetivas** e **perguntas semirretóricas condicionais/subjetivas**.

Assumimos a premissa de que a interação entre indivíduos é um requisito indispensável para o processo de desenvolvimento da linguagem, seja ela na modalidade de língua escrita ou falada. Mesmo tratando-se de um texto escrito no qual a linguagem precisa, culta e direta devem, por hipóteses, estar presentes observou-se que os estudantes em alguns momentos, para quebrar essa formalidade (talvez inconscientemente), introduzem perguntas, que trazem vivacidade ao texto.

É importante referenciar que o uso de perguntas pelos estudantes em algumas redações seja justificável pelo fato de os professores ensinarem que uma das formas de introduzir uma redação dissertativa é utilizar perguntas na introdução para responder a elas no parágrafo de desenvolvimento. Cabe ainda mencionar que ainda são poucos os estudos sobre os usos de perguntas na escrita, o que dificultou a realização desta investigação, restando, ainda muito espaço à investigação. Para finalizar, convém dizer que estudos sobre o uso de perguntas como estratégias de interação (em português) ainda são escassos, evidenciando, assim, a necessidade de ampliar as investigações neste campo do saber, o que pretendemos, modestamente, com esta investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, S. D. G. Novas Tecnologias no Ensino de Língua Portuguesa: a propaganda da web como ferramenta pedagógica. In: *Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - I SIMELP*. São Paulo, 2008. p. 1-17.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989, p. 249-279.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FÁVERO, L. L.. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/USP, 2000, p. 79-88.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. O par dialógico pergunta – resposta. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 133-166.
- FREITAG, R. M. K. “É o que?” Estratégia de interação ou de sequenciação?. In: Seminário do Gel, 57, 2009, *Programação*. Ribeirão Preto (SP): GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=5166-09>>. Acesso em: 15 jul. 2009.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.. *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: EDUFRN, 2000.
- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989. p. 281-318.

MARTELOTTA, M. E. T. Trajetórias verbo > marcador discursivo. In: VOTRE, S. J.; MARTELOTTA, M. E. T. *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ 1998.

MARTELOTTA, M. E. T. Uso do marcador discursivo tá? In: *Veredas*, v.1, n.1, p. 89-106, 1997.

MARTELOTTA, M. E. T.; ALCÂNTARA, F. Discursivização na partícula né?. In: MARTELOTTA, M. E. T.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: departamento de Linguística e Filologia UFRJ, 1996. p. 277-291.

NASCIMENTO, E. P. A modalização no gênero notícia jornalística. *Revista do GELNE*, v. 8, n. 1/2, p.71-85, 2006.

RAMOS, C. S. Especificidades discursivas e efeitos de sentido no gênero textual reportagem de capa. *CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 5, p. 1-12, 2007.

RANGEL, E. S. *Funções de sequências de perguntas e respostas iniciadas por mediadores em audiências de conciliação do PROCON*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Juiz de Fora.

RISSE, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 427-496.

RISSE, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 403-425.

SILVA, L. A. Interação no discurso acadêmico: a dinâmica pergunta/resposta. *Estudos Linguísticos*, v. XXXIII, p. 23-45, 2004.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 195-258.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 170-201.

URBANO, H.; FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 75-97.

Recebido em 5 de março de 2010.

Aceito em 4 de setembro de 2010.